

Economia

ESTRADA DE FERRO

Estado tem ferrovia de passageiro mais antiga

A Estrada de Ferro Vitória-Minas, com 106 anos, é a mais antiga em funcionamento e transportou 980 mil pessoas em 2009

BELO HORIZONTE E VITÓRIA

A doméstica Marinilda de Jesus Rosa, 31 anos, pega pelo menos duas vezes por mês o trem de passageiros da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM) na cidade de Baixo Guandu, no Estado, onde mora sua família, até Belo Horizonte, em Minas Gerais, onde trabalha. A EFVM, aos 106 anos, é a mais antiga ferrovia de passageiros em operação.

Na segunda-feira da semana passada, Marinilda e sua sobrinha Keila de Jesus Cândido, 19 anos, faziam o trajeto entre Belo Horizonte e Baixo Guandu e conversavam no vagão-restaurante do trem. Keila foi convencida pela tia a tentar a vida como vendedora

em Minas Gerais.

“O trem vale muito a pena porque é seguro, confortável e mais barato no trecho que eu faço, em comparação com o ônibus, duas vezes mais caro. A rodovia é perigosa e o transporte, caro. Se a gente ainda tivesse carro...”, diz Marinilda.

O depoimento da doméstica ilustra com perfeição a realidade da EFVM, a maior e mais densa estrada de ferro de passageiros do Brasil.

A EFVM e a Estrada de Ferro Carajás (EFC), as duas administradas pela Vale, são hoje as duas

únicas ferrovias que funcionam com o transporte regular de passageiros no País.

A EFVM, nas mãos da Vale desde a década de 40, transportou 980 mil pessoas em 2009, o que, segundo Regivan Silva, gerente de Suporte Regional e Trem de Passageiros da Vale, significa um movimento diário de cerca de 2.500 pessoas, nas baixas temporadas, e cerca de seis mil, nas altas.

MOVIMENTO

O movimento já foi maior. Em 2006, por exemplo, o trem chegou a transportar 1,14 milhão de passageiros. A Vale não tem um estudo preciso sobre a redução de usuários (na EFC, o transporte cresce), mas Regivan tem uma pista:

“Pelo que eu converso com os passageiros e venho observando no setor de ferrovias, a emergência econômica das classes mais baixas fez aumentar a compra de carros populares. E mesmo com a BR-381 (BH-Vitória) sendo uma das rodovias mais perigosas e em mau estado do País, as pessoas arriscam dirigir em seus carros novos”, diz.

OS NÚMEROS

6.000 pessoas passaram por dia na ferrovia, na baixa temporada de 2009

1,14 milhão foi a quantidade de usuários da EFVM em 2006

Preço é um dos atrativos

Com extensão de 664 quilômetros até Belo Horizonte, as passagens da EFVM variam de R\$ 10 (BH-Barão de Cocais, 71 quilômetros de distância) a R\$ 49 (BH-Vitória) na classe econômica; e de R\$ 19 (BH-Barão de Cocais) a R\$ 75 (BH-Vitória) na classe executiva.

O trem é o transporte mais barato e popular para os habitantes da região. São 30 paradas.

Especialmente entre pequenas cidades do interior de Minas e do Espírito Santo, por vezes a ferrovia é a única opção de deslocamento.

Também há a questão da segurança. “A viagem de trem é acessível e mais segura do que ir de carro, especialmente com criança de colo”, diz Maria Penha, que com a filha Hema e a neta Maria Eduarda, de um ano e três meses, embarcaram em Ipatinga (MG) com destino a Vitória.

“O tempo de viagem é muito longo, mas as opções de transporte acessíveis são poucas, né? A gente

tem que contar com o trem”, diz.

A viagem na EFVM leva 13 horas de BH a Vitória (e um pouco menos no sentido contrário).

De ônibus, a duração do trajeto cai para sete horas, mas o preço sobe para R\$ 80, na classe econômica, ou R\$ 100 nos poucos veículos com classe executiva.



TREM biocombustível da Vale

Maioria é de mineiros

Segundo pesquisa do Instituto Vox Populi feita em 2008, 80% dos passageiros da EFVM possuem renda de até cinco salários mínimos; 40% têm o ensino fundamental e outros 40% o ensino médio; 66% viajam a lazer, turismo ou para visitar parentes; enquanto 11% viajam para cuidar da saúde em cidades maiores do trajeto.

E uma curiosidade: 60% dos

passageiros que usam a estrada de ferro são mineiros.

“Os mineiros adoram esta ferrovia, que nasceu em Vitória, mas acabou consolidando o transporte na região Leste do estado”, diz Fernando Rodrigo, 31 anos, chefe do trem de passageiros, responsável final pela ordem, segurança, operação e limpeza da composição dos 15 vagões.

Casos de enfarte, parto e até cantadas no trem

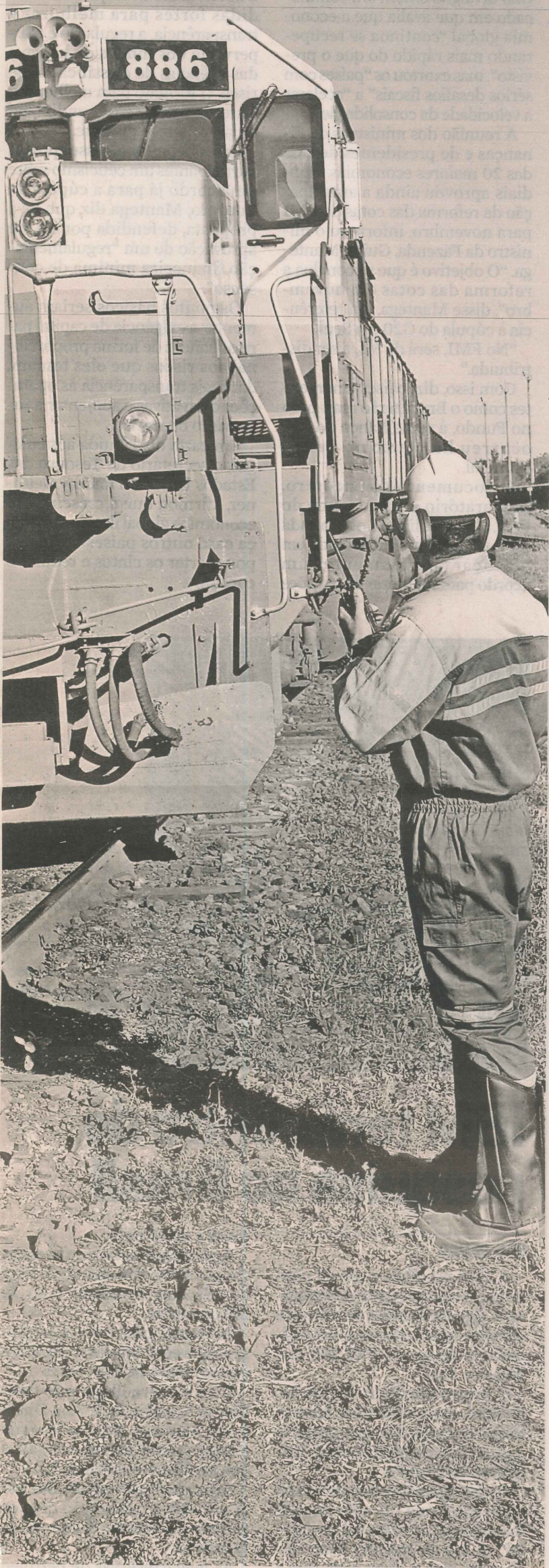
O chefe do trem de passageiros, Fernando Rodrigo, 31 anos, trabalha há seis anos na EFVM e tem muitas histórias para contar. Há um ano, por exemplo, o trem havia acabado de deixar Governador Valadares (no meio do caminho da ferrovia) quando uma passageira reclamou de dores no peito.

“Eu fiz massagem cardíaca e avisei ao trem que subia para Belo Horizonte que ele precisava parar quando os trens se cruzassem para que pudéssemos mandar a passageira para um hospital”, contou. A estratégia deu certo e a passageira Elza Dorigati sobreviveu a um enfarte.

Outra vez, a equipe de 20 pessoas que trabalha em cada composição – entre zeladores, maquinistas, chefes, seguranças e pessoal de restaurante – foi obrigada a fazer um parto no trem em movimento.

Já há alguns meses, o chefe viu uma situação engraçada. Ele foi chamar no sistema de som um passageiro que deixou num vagão uma caixa lacrada de abelhas.

“Eu falei: ‘gostaríamos de solicitar a presença do passageiro louro, alto e com uma tatuagem no braço que é dono do carregamento de abelhas’. E não é que apareceram três comissárias entusiasmadíssimas para ver quem era aquele louro, alto e tatuado?”, lembra Fernando, às gargalhadas.



A ESTRADA de ferro, que liga Vitória a Belo Horizonte, tem 664 km